

Campanha foge às cúpulas

19 JUL 1993
JORNAL DE BRASÍLIA

Marcondes Sampaio

Eleição Presid

Vai longe o tempo em que a política era uma espécie de "clube do bolinha", resistente à participação da mulher. Com o avanço do feminismo, a partir de meados dos anos 70, a participação da mulher nas campanhas eleitorais passou a ir muito além da organização de banquetes e festas para os candidatos ou das marchas da família com Deus por uma mal conceituada liberdade. Elas subiram aos palanques nos últimos anos não mais como meros adornos, mas como ativas militantes partidárias e da causa democrática em geral.

Assim politizadas, é natural que as mulheres procurem ouvir os presidencializáveis sobre questões específicas que lhes dizem respeito, ainda que algumas dessas questões muitas vezes sejam tratadas com exagero e inadequadamente descoladas do contexto da sociedade. O primeiro desses debates, em nível nacional, será promovido, no próximo dia 20, através da TV Manchete, pelo Conselho Nacional de Direitos da Mulher. O candidato do PMDB à Presidência, Ulysses Guimarães, vem-se esquivando de participar do debate, sob a alegação de que no mesmo dia estará num encontro com os correligionários do Maranhão. Fernando Collor de Mello, do PRN, também não participará, sob o pretexto de que poderá ocorrer um rebaixamento no nível do debate, segundo versão do Conselho da Mulher.

Vale observar que o debate do dia 20 tem um significado bem mais amplo do que o referente ao engajamento feminino na política. Ele constitui um indica-

dor de que a campanha presidencial começa a fugir ao controle das conveniências e dos conchavos de cúpula para cair no leito maior da sociedade, carente de definições e de compromissos efetivos de mudanças. Algo que vá além dos slogans vazios ou dos enunciados feitos pela chamada "Nova República".

Em dimensões mais restritas — nos auditórios classistas — os candidatos já vêm debatendo com empresários, líderes sindicais, profissionais liberais e representantes das minorias. Na Bahia, o presidente do chamado Grupo Gay, antropólogo Luiz Mott, anunciou que só terão o apoio do grupo os candidatos à presidência que tornarem pública posição contrária a qualquer discriminação contra o homossexualismo e que se comprometam a combater a Aids. Mott antecipou que já conhece o pensamento da maioria dos candidatos, estando na expectativa da definição de Ronaldo Caiado, Brizola e Fernando Collor de Mello. Em relação a Brizola e Collor, o antropólogo, por motivos distintos, acredita que a resposta será positiva.

Por mais que a questão do homossexualismo seja vista como secundária pela maioria da população, o posicionamento do grupo baiano, assim como o interesse das mulheres em ouvir os presidencializáveis indicam o quanto esta campanha eleitoral tende a fugir aos padrões convencionais, ajustando-se, pela abordagem de temas polêmicos e/ou delicados, à realidade de um Brasil bem mais complexo e angustiado do que aquele de 28 anos atrás, quando se realizou a última eleição presidencial.